Ensino de música na escola de educação básica: um olhar para os tempos e espaços a partir de uma orquestra escolar

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: EDUCAÇÃO MUSICAL

Carla Pereira dos Santos
Universidade Federal da Paraíba – musiviver@hotmail.com

Resumo: Esta comunicação foi concebida a partir do recorte de uma tese de doutorado[1] concluída, que buscou compreender como se configura um modo de ensinar música na escola através de uma orquestra escolar. Conduzido pelo conceito de cultura escolar (VIÑAO FRAGO, 1995; 2006), o foco deste recorte está nos tempos e espaços para o ensino de música na escola, com destaque para as práticas de um grupo instrumental. Nessa direção, o objetivo do texto é refletir sobre os tempos, espaços e os significados que essa modalidade de prática pode assumir dentro do contexto escolar, o que levou a entender a orquestra como uma prática escolar que criou uma sistematização própria dentro da escola, que foge de parte das rotinas já estabelecidas na instituição.

Palavras-chave: Ensino de música na educação básica. Grupos instrumentais escolares. Cultura escolar.

Teaching music in elementary school: considering time and space references from a school orchestra perspective

Abstract: This communication was conceived from a fragment of a completed doctoral thesis which sought to understand how to configure a way to teach music at school through a school orchestra. This paper is based on the concept of school culture (VIÑAO FRAGO, 1995; 2006), and focus on time sets and spaces for teaching music at school, with emphasis on the practices of an instrumental group. The aim of the text is to reflect on the times, spaces and meanings that this modality of practice can take within the school context, which led to the orchestra being understood as a school practice that created its own systematization within the school, apart from already established routines in the institution.

Keywords: Music education in basic education. School instrumental groups. School culture.

1. Introdução

Este trabalho foi elaborado a partir de uma tese de doutorado intitulada: Ensinar música na escola: um estudo de caso com uma orquestra escolar, realizada com o objetivo de compreender como se configura um modo de ensinar música na escola através de uma orquestra escolar. A pesquisa teve como objeto de estudo a Orquestra Villa-Lobos[2], pertencente a uma Escola Municipal de Ensino Fundamental da cidade de Porto Alegre – RS.

A Cultura Escolar, compreendida na perspectiva de Viñao Frago (1995; 2006) como toda a vida escolar, foi tomada como construto teórico do trabalho, que possibilitou olhar para o campo e entender o que nele estava sendo produzido, bem como as dimensões

envolvidas no ensino, a partir da prática em uma orquestra escolar. O estudo de caso qualitativo foi o caminho metodológico que conduziu a pesquisa, conforme definições propostas por Strauss e Corbin (2008), Bogdan e Biklen (1994) e Stake (1995).

Na busca de compreender como se configurou um modo de ensinar música na escola através da Orquestra Villa-Lobos, foi possível observar a dinâmica social construída na escola a partir das ações cotidianas dos sujeitos escolares e de suas relações com a música e com a orquestra. Nesse contexto, a música na escola parece assumir significados que a levaram a transcender alguns dos tempos e espaços já instituídos, evidenciando que a orquestra criou uma sistematização própria dentro da escola, ao criar novas rotinas, normas, bem como determinar e organizar o andamento de suas atividades, fazendo com que os tempos e espaços escolares fossem reorganizados em função de suas atividades.

Assim, é sob o olhar para os espaços cotidianos da orquestra no interior da escola que este trabalho foi desenvolvido, enfatizando, a partir dos dados da pesquisa, o lugar primordial onde a cultura escolar se manifesta.

2. Escola e Cultura escolar

A escola, compreendida como uma instituição socializadora é, ao mesmo tempo, ordenadora do social e produtora de sentimentos, valores, comportamentos e sensibilidades, como afirmou Faria Filho (1998). Conforme explica Boto (2005, p.63), a escola moderna, por apresentar-se como a única instituição que tinha como finalidade exclusiva educar, utilizou-se de métodos e técnicas, de um espaço físico dividido conforme alguns critérios específicos, bem como de uma organização e divisão do tempo em horários, atendendo, desse modo, às exigências de um modelo republicano de sociedade que não é mais o que vivemos hoje.

Esse modo de caracterizar a escola, como possuidora de tempos, espaços e modos específicos de se organizar, é assim definido por Soares (2006):

> [...] a escola é uma instituição em que o fluxo das tarefas e das ações é ordenado através de procedimentos formalizados de ensino e de organização dos alunos em categorias (idade, grau, série, tipo de problema, etc.), categorias que determinam um tratamento escolar específico (horários, natureza e volume de trabalho, lugares de trabalho, saberes a aprender, competências a adquirir, modos de ensinar e de aprender, processos de avaliação e seleção, etc.) (SOARES, 2006, p. 21).

Tal conjunto de especificidades da escola, que correspondem aos seus modos próprios de ensinar, aprender e estruturar-se como instituição socializadora, e também a forma como elas são articuladas em uma determinada situação e época, indicam a existência de uma

cultura própria da escola, a chamada cultura escolar, cultura essa que possui suas bases alicerçadas na história, mas que vai sendo constituída cotidianamente através das ações escolares.

A cultura escolar é um conceito que, nas duas últimas décadas, despontou entre as discussões e estudos de diferentes áreas: "história, história da educação e das ciências sociais em interface com o currículo, os estudos culturais, a literatura, o livro didático, o gênero, as políticas educacionais, entre outras" (SILVA, 2006, p. 215), a fim de compreender as práticas e a dinâmica interna da escola.

Compreendida sob a perspectiva de Viñao Frago (1995), a cultura escolar refere-se aos modos de fazer e pensar as práticas, os hábitos, atitudes, rituais e comportamentos escolares, que são instituídos ao longo do tempo e transmitidos de geração em geração. Caracteriza-se, pois, pelas diferentes práticas que ocorrem no interior da escola, sendo, assim, considerada pelo autor como tudo o que ocorre dentro da escola, ou seja, é "toda a vida escolar" (VIÑAO FRAGO, 1995, p. 69).

Para Viñao Frago (2006), a cultura escolar possui a capacidade de gerar seus próprios produtos, a exemplo das disciplinas, dos temas ou conteúdos escolares que estão sempre em transformação dentro da escola, sendo fortalecidos e sedimentados pela interdependência das diversas partes que a constituem. Ainda na perspectiva do autor, as mudanças ocorrem, porém, de forma lenta e gradual. Nesse processo, a própria dinâmica social estabelecida dentro da escola pode ser considerada a principal responsável pelas mudanças e inovações dessa cultura.

Mudanças essas que não excluem os tempos e espaços escolares, que segundo Viñao Frago (1995), são dimensões da cultura escolar que afetam o ser humano em sua consciência interior, em seus pensamentos e atividades, grupais ou não, conformando sua mente e ações (VIÑAO FRAGO, 1995, p. 69). Conforme Faria Filho e Vidal (2000):

> Como plurais, espaços e tempos fazem parte da ordem social e escolar. Sendo assim, são sempre pessoais e institucionais, individuais e coletivos, e a busca de delimitá-los, controlá-los, materializando-os em quadros de anos/séries, horários, relógios, campainhas, ou em salas específicas, pátios, carteiras individuais ou duplas, deve ser compreendida como um movimento que teve ou propôs múltiplas trajetórias de institucionalização da escola. Daí, dentre outros aspectos, a sua força educativa e sua centralidade no aparato escolar (FARIA FILHO; VIDAL, 2000, p. 21).

Nessa direção, "para Agustín Escolano (apud Viñao, 1995, p. 72), nem o espaço, nem o tempo escolares são dimensões neutras do ensino, simples esquemas formais ou estruturas vazias da educação" (FARIA FILHO; VIDAL, 2000, p. 19). Segundo os autores,

isso se dá porque os tempos e espaços representam um sistema de valores e aprendizagens que vêm de uma tradição cultural, mas que certamente mescla-se com as inovações e com a própria dinâmica social constituinte da cultura escolar de cada instituição.

Assim, embora pensemos a escola como um espaço de socialização, produtora de sentimentos, valores e sensibilidades, seus tempos e espaços parecem ainda lutar para transcender a representação de um espaço e de tempo que não é mais o mesmo de décadas passadas. Pode-se assim dizer que os tempos e espaços escolares podem, de algum modo, influenciar a delimitação ou realização de atividades escolares.

3. Tempos e espaços para o ensino de música na escola

Foi a partir da cultura escolar, entendida como "toda a vida escolar" (VIÑAO FRAGO, 1995), que pude entender a Orquestra Villa-Lobos como uma prática escolar, que representa um modo de pensar e agir sedimentado na escola, que mobilizou e alterou alguns dos elementos que compõem o fenômeno educativo, como tempos, espaços, conhecimentos, práticas, condutas, rotinas e a própria vida dos indivíduos. Neste recorte, contemplarei apenas as dimensões de tempo e espaço que caracterizaram a dinâmica da escola na qual funciona a Orquestra.

A Orquestra Villa-Lobos é um grupo criado e sedimentado na escola, que no decorrer de 25 anos, ao iniciar como um pequeno grupo de flauta doce, expandiu suas atividades, criou oficinas de música e tornou-se uma orquestra, com uma rotina de ensaios, apresentações e espetáculos públicos. Desse modo, foi sendo criado um movimento de música dentro da escola que "não veio pronto num projeto, num papel e a [a escola] tentou instituir. Ele foi sempre sendo ampliado ao longo de sua própria vida" (CECÍLIA, p. 14, 16/11/2010). A orquestra não só permaneceu na escola ao longo dos anos, como nela foi gerada e desenvolvida, o que a torna intrínseca a esse espaço. No decorrer desses 25 anos, muitas negociações e mudanças foram ocorrendo no âmbito escolar, tendo em vista sustentar esse trabalho, que necessitou de tempo para se transformar e se consolidar.

Nesse contexto, é possível entender que a própria dinâmica social criada na escola levou à constituição da orquestra, que como grupo artístico e como projeto, necessita de tempos e espaços específicos para sua realização, que transcendem os tempos e espaços da escola, haja vista que a escola não ampliou sua estrutura física para dar conta das novas demandas. Assim, com a criação de novas práticas, sobretudo àquelas propostas pela orquestra, a escola necessitou criar também novas rotinas, e adequar seu *modus operandi* para

dar conta das demandas e funcionamento da orquestra. No entanto, algumas situações evidenciam a complexidade das relações entre escola e o trabalho realizado pela orquestra, como aponta a fala da professora Cecília [3]:

> Tem vários professores que dizem que a orquestra não gosta de tocar aqui na escola. Não é que a orquestra não gosta de tocar aqui na escola. É que os eventos da escola, às vezes, não são organizados da maneira que comportem a orquestra dentro dele. A gente, às vezes, não tem um espaço adequado pra tocar, às vezes não é planejado com antecedência, o que acontece? A agenda da orquestra, às vezes, é fechada um ano antes (CECÍLIA, p. 66, 13/12/2010).

A fala de Cecília parece evidenciar certo conflito e desconforto entre o grupo e a escola, que possui uma orquestra, mas que, às vezes, não consegue tê-la presente em suas próprias atividades escolares. Isso revela que o trabalho artístico produzido na escola pela orquestra não consegue atender totalmente às suas próprias demandas, devido aos compromissos externos e cumprimento de sua agenda.

Essas situações de conflito parecem não abalar ou romper as relações existentes entre a escola e a grupo, talvez, porque a proposta da orquestra dentro da escola não esteja resumida às apresentações, mas ao processo que leva até ela, como destacou o diretor Adão (gestão 2008 a 2010). Nessa mesma direção, o diretor explica que: “nós entendemos que a orquestra e a música fazem parte da escola como um todo, embora, nós, às vezes, enxergamos esse distanciamento do nosso dia a dia. “[Mas], isso acontece aqui, faz parte da escola” (ADÃO, p. 2, 17/11/2010). Assim, o distanciamento, no que concerne às apresentações dentro da escola, é compreensível, no momento em que é consequência de sua expansão.

A orquestra foi ampliando seu próprio espaço dentro da escola, assim como conquistou uma autonomia que lhe possibilita tomar suas próprias decisões e ir criando suas próprias normas, de acordo com as necessidades específicas para seu funcionamento. Como aponta a literatura sobre cultura escolar, necessariamente, na escola, há escolhas e um modo de organização dessas escolhas. A escola, possivelmente por compreender a demanda da orquestra e sua dinâmica interna, assim como as consequências disso para o processo de formação dos estudantes, permite que ela tenha essa autonomia. Foi nessa direção que a escola não mediu esforços para flexibilizar seus horários e expandir seus espaços para comportar a orquestra, suas oficinas e os grupos a partir dela formados (coros, grupo de flauta avançada, cordas e choro), e, sobretudo, para liberar a professora, que possui 60 horas para atuar exclusivamente nas atividades do grupo.

Nesse contexto, a escola parece se configurar como uma instituição flexível, que não se limita a um modelo ou a uma estrutura imutável, mas que valoriza as diferentes ações que vão surgindo e se adapta de acordo com as demandas e finalidades da própria escola, com vista a atender seu projeto de formação. Foi por considerar a orquestra parte desse projeto que a escola passou a acolhê-la e a considerar a música como objeto de ensino.

Uma das formas de a orquestra expandir seu tempo e espaço dentro da escola é ao funcionar em outros horários que não os estipulados para os ensaios – e isso se deve ao respaldo dado pela própria instituição, como aponta a fala da vice-diretora (gestão 2008 a 2010):

> As atividades [acontecem] normalmente quando tem alguém na escola, quando não tem, a gente deixa um memorando pra que eles entrem na escola [...]. A orquestra e as oficinas funcionam no período de aula, mas sempre com alunos que não estão tendo aula naquele período. [...] A escola é uma coisa viva, portanto, pulsam muitas coisas ao mesmo tempo. [...] Eles usam as salas que tem e, quando possível, a gente aumenta esses espaços (CARLA, p. 8, 29/11/2010).

Com relação ao aumento desses espaços, as maiores demandas da orquestra à escola ocorrem durante o período de realização dos grandes espetáculos anuais do grupo e no início do semestre letivo, momento em que acontece a definição dos horários e distribuição de salas para a realização das oficinas. Durante o período em que acompanhei a orquestra, foi possível constatar que a escola parece se reorganizar em função do espetáculo e demais apresentações da orquestra, inclusive mudando sua rotina, chegando ao ponto de cancelar atividades e alterar seus horários de funcionamento para atender às necessidades e à realização de eventos específicos da orquestra. Um exemplo relacionado a essa situação ocorreu durante um ensaio da orquestra no pátio da escola para uma sessão de fotografia, em horário escolar, o que requereu a mobilização de professores e da direção da escola para conter os alunos. A solução tomada nesse dia foi colocar os alunos no pátio para assistirem ao ensaio.

Essa iniciativa da escola de se reorganizar em função da orquestra também foi percebida no decorrer do ano, sobretudo, quando se aproximou o espetáculo anual da orquestra. A escola criou estratégias para viabilizar o funcionamento concomitante das atividades (aulas do turno da tarde e ensaios da orquestra), alterando o horário do intervalo e o espaço destinado à merenda escolar, como evidencia a fala de Cecília:

> [Nos] ensaios gerais que eu precisei usar o refeitório a tarde inteira, a direção prontamente: Cecília, é urgência? Eu disse: É. Então não contestou. Cecília, tu acha que é importante? É importante, eu preciso a tarde inteira. Tudo bem, então a gente faz assim: o refeitório não vai ser usado pelas crianças na parte da tarde. As

> funcionárias servirão o lanche na sala de aula. Tá resolvido o problema (CECÍLIA, p. 72, 13/12/2010).

Em entrevista com Adão, na época ainda diretor da escola (gestão 2008 a 2010), ele comentou sobre a concessão feita à Cecília para que o ensaio acontecesse no refeitório e afirmou que é necessário haver esse tipo de dinâmica para que as coisas aconteçam (ADÃO, p. 7, 17/11/2010). Além dessas concessões, em dia de espetáculo da orquestra, as atividades escolares são canceladas para que a comunidade escolar possa se organizar para prestigiar a apresentação. Todos esses aspectos evidenciam que a orquestra foi adquirindo novos significados dentro da escola, e como explica a ex-diretora Andréia: a orquestra "é uma coisa muito grande que acontece dentro da escola, faz parte da realidade da escola [...]. É uma coisa que movimenta a escola o tempo todo (ANDRÉIA, p. 3, 25/11/2010).

No que concerne ao espaço, um dos aspectos que chama a atenção é que a orquestra, mesmo sendo um grupo consolidado na escola ao longo de 25 anos, reconhecido pela instituição por sua importância como parte do projeto escolar, ainda não possui um espaço apropriado que comporte suas atividades. As cadeiras disponíveis na sala de ensaio não são apropriadas e ocupam muito espaço. São, na maioria, carteiras escolares que possuem prancheta de apoio para escrita. A sala de ensaio é pequena para a quantidade de pessoas que compõem o grupo. Durante os ensaios, os integrantes ficam muito próximos uns dos outros, o que, em alguns momentos, interfere na execução e concentração dos mesmos. Inúmeras foram as vezes em que presenciei o arco do violoncelo encostar no colega ao lado por não ter como ficar mais distante. Sobre esse aspecto, o integrante Leandro, comenta: "Aquela sala apertada é uma das coisas que eu não gosto ali, [porque], às vezes, tu tá tocando, aí tu tá cutucando o pessoal do lado, de tão apertada que tá aquela sala, entendeu? (LEANDRO, p. 6, 04/11/2011).

Isso demonstra que o espaço escolar ainda está preso aos limites impostos por uma tradição escolar que possui tempos e espaços definidos e inflexíveis. A escola na qual a orquestra Villa-Lobos foi gerada mostra que é possível encontrar estratégias para transcender esses limites, embora esbarre nas dificuldades de uma forma escolar[4] ainda fortemente presente na instituição, mas isso não tem impedido que a música passe a assumir diferentes espaços e tempos dentro dessa escola, como pode ser evidenciado através dos dados.

Assim, é a partir de suas próprias ações e resultados que a Orquestra Villa-Lobos consegue transgredir tempos e espaços instituídos por uma forma escolar que vem da tradição cultural escolar. No entanto, é na ambivalência da tradição e das inovações que a Escola Villa-Lobos parece flexibilizar sua "ordem social" e construir sua cultura escolar. Nesse contexto, a orquestra, alinhada ao projeto de formação dessa instituição, é motriz de uma

dinâmica social que leva à constituição de uma cultura musical escolar e de um sistema de valores e aprendizagens que a torna inerente à escola.

Referências:

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação*: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BOTO, Carlota. História, idéias e trajetórias da cultura escolar: um desafio metodológico. In: SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa (Orgs.). *A cultura escolar em debate:* questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa. Campinas-SP: Autores Associados, 2005. p. 59-79.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. O espaço escolar como objeto da história da educação: algumas reflexões. *Revista da faculdade de educação*, São Paulo, v. 24, n. 1, jan./jun., 1998.

_____; VIDAL, Diana Gonçalves. Os tempos e os espaços escolcares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. *Revista brasileira de educação*, Rio de Janeiro, n. 14, p. 19-34, mai/jun/jul/ago, 2000.

SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. *Cultura escolar*: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. Educar, Editora UFPR: Curitiba, n. 28, p. 201-216, 2006.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins et al. (Orgs.). *A escolarização da leitura literária***:** o jogo do livro infantil e juvenil. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 17-48.

STAKE, Robert E. *The art of case study research*. Thousand Oaks: Sage Publications, 1995

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. *Pesquisa qualitativa*: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento da teoria fundamentada. Tradução: Luciane de Oliveira da Rocha. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Historia de La educación y história cultural: possibilidades, problemas, cuestiones. *Revista Brasileira de Educação*, n. 0, p. 63-82, set./out/nov/dez. 1995.

_____. *Sistemas educativos, culturas escolares y reformas*: continuidades y câmbios. 2. ed. Madrid: Ediciones Morata, 2006.

VINCENT, Guy; LAHIRE, Bernard; THIN, Daniel. Sobre a história e a teoria da forma escolar. *Educação em revista*, Belo Horizonte, n. 33, p. 7-48, 2001.

Notas

[1] Tese de doutorado defendida no programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação da professora Dra. Luciana Del-Ben, com apoio da CAPES.

[2] O nome da escola, orquestra e dos participantes da pesquisa são reais. Todos devidamente autorizados pelos indivíduos ou seus responsáveis.

[3] Regente e coordenadora do projeto.

[4] Ver VINCENT, Guy; LAHIRE, Bernard; THIN, Daniel (2001).